



instável orquestra

A emocionante história
de Francisco, Afonsina
e outras coisas mais



Nota explicativa

O propósito de criação de uma história original pelo projecto Instável Orquestra decorre dos conhecimentos adquiridos durante dois anos com esta formação, assente na construção de experiências musicais e performativas, com tónica na Música.

A narrativa "A Emocionante História de Francisco, Afonsina e Outras Coisas Mais" resulta do trabalho desenvolvido, com cinco grupos de faixas etárias diversas, durante quatro meses, no laboratório de criação da história.

Os grupos que participaram neste processo criativo foram: os adultos do bairro do Ferradal e da Associação de Alcoólicos Recuperados de S.M.F, os jovens da percussão, duas turmas do Ensino Básico do 1º Ciclo de Fiães (3º e 4º ano da EB1 da Barroca) e um grupo de alunos da escola EB2,3/S D. Moisés Alves de Pinho de Fiães.

A narrativa que, agora, se apresenta não pretende ser a versão final da história, mas apenas um guião teatral. Este documento apresenta a fase inicial de um processo criativo (o qual se quer interactivo e dinâmico) e irá servir de base para o futuro trabalho que envolverá outras pessoas e grupos: contadores de histórias de vários países, Portugal, Brasil e Cabo Verde e alunos das escolas primárias do Concelho de Santa Maria da Feira.

Os desenhos que acompanham esta publicação são muito mais do que meras ilustrações da história, na medida em que foi a partir deles que foram construídas partes significativas da mesma.

Assim, com a estrutura da história que vos remetemos, dá-se início à segunda fase deste processo.

A apresentação da história de uma forma não definitiva é intencional, visto que se pretende possibilitar aos alunos e docentes interagirem na sua criação, e não procederem apenas à sua interpretação e análise.

Após esta segunda fase, que se inicia com a leitura do texto pelas crianças das escolas do Concelho e pela discussão e recolha das suas sugestões, a história regressa ao grupo nuclear que lhe deu origem que reunir-se-á para, em conjunto, tentar interagir com os vossos comentários, textos, desenhos e ideias, recriando a história final com as sugestões de todas as pessoas envolvidas neste processo.

Esta proposta de carácter prático procura desafiar os professores e outros profissionais que trabalham com a população escolar a explorar modelos e ferramentas de trabalho alternativos, que potenciem e estimulem a aprendizagem. Pretende-se, com uma história, proporcionar a partilha de ideias e o trabalho em grupo, que privilegiem a realização de experiências criativas, através de várias linguagens e conceitos artísticos.

Este trabalho ganhará maior visibilidade com a apresentação da história pela Instável Orquestra e contadores de histórias profissionais, no festival internacional de teatro de rua Imaginarius, que decorrerá entre 27 e 29 de Maio de 2010, em Santa Maria da Feira.

Domingo

Francisco Silveira vive numa mata, perto de Sanguedo, numa casa antiga.

Francisco está enamorado de Afonsina, já se conhecem desde a escola secundária. No ano passado, em Dezembro, encontraram-se e deram um beijinho. Um beijinho? Um grande beijo, quanto bastou para ficarem muito enamorados.

Francisco penteando-se e preparando-se para sair de casa, pensa: - Afonsina, gostaria muito de falar contigo, mas primeiro vou lavar o carro porque se encontra bastante sujo. Vou lavá-lo nas bombas em Lourosa.

Francisco tem um carro branco, comprado em segunda mão, barato, que pagou com o dinheiro do seu trabalho. O carro era conhecido por "vaca" entre os seus amigos, resultado de uma brincadeira do ano anterior.

Francisco arranca com o carro, faz alguns quilómetros, sempre pensando na Afonsina. Ela vive em S. Miguel de Souto.

- "Tou" feliz - pensou ele.

Pouco depois, numa curva, o carro começa a fazer um barulho estranho. Francisco pára o carro. Sai para ver o que se passa e exclama:

- O pneu! Maldição! Não! Não hoje! Mas, não me vou perder com um pomenor destes: vou mudar o pneu, vou mudar o pneu, onde é que está o pneu suplente? Onde... aqui! Não! Nãoão!

O pneu suplente está vazio! Mole!

Depois de um ataque de raiva, desata a bater em cima do carro. Francisco sente-se triste. Envia uma mensagem de telemóvel para Afonsina: "'Kerida" Afonsina, peça imensa desculpa, mas aconteceu que furei um dos meus pneus, e, não sei se consigo chegar a tempo de estar contigo".

- Mas... que vou fazer? Que vou fazer? - pensava muito rápido.

- A bomba de ar! Aquela coisa que me deu o meu pai! Nunca a utilizei, mas... Vou tentar encher o pneu!

Nada de muito simples, mas consegue.

Finalmente encontra as bombas de gasolina, e, já, aproveita para lavar lá o carro. Envia mais uma mensagem: "'Kerida" Afonsina desculpa chatear-te mais uma vez, mas agora tenho o carro todo sujo e vou chegar um pouco mais atrasado, desculpa". Os dois empregados das bombas ajudam-no. Pois, assim, com dois a ajudar o carro ficou limpinho.

Um dos empregados:

- Agora o senhor está com o carro limpo, mas tenha cuidado!

- Porque me dizem isso? Cuidado com o quê? - e, continua viagem por uma estrada ao longo de um eucaliptal.

Pouco depois dá conta de estar quase sem gasolina.

- A vaca já secou! Como é isto possível? Pus gasolina ontem. Pânico, outra vez. Procura o dinheiro para pagar a gasolina e apercebe-se que está sem dinheiro, os seus bolsos estão rotos.

- Rotos! Rotos? Como? Estou tramado! Não vou a lado nenhum!

Nervoso como poucas vezes na vida, volta a pensar nos dois empregados das bombas.

- Porque me disseram para ter cuidado? Já sabiam? - E, nestes pensamentos, qual o seu espanto...vê... 5 euros no chão.

- Que sorte! Ah! Que sorte! E começa a cantar:

**"Cinco euros, cinco euros,
Com cinco euros meto a gasolina
Estou salvo, por cinco euros
Vou a casa de Afonsina" (2x)**

Mas, nada é tão fácil na vida.

A nota era falsa. E que desilusão, que tristeza... O senhor das bombas até ficou desconfiado!

**"Se tinha cinco euros
Metia a gasolina
Mas a nota era falsa
Que triste vida a minha" (2x)**

Pede boleia, mas sai-lhe furada, pois o condutor é um ladrão e desvia-o para outro caminho. Apreensivo, Francisco interroga-se:

- Esta pessoa não é normal, estou com medo e nem tenho coragem de lhe dizer para parar o carro. Quero sair! Só quero sair!

Começa a tremer, quando o carro pára, encontra-se em Paramos, em plena pista de aviação, mas contente por estar vivo. À saída do carro, o ladrão disse-lhe:

-Isto é só o início!

-"Tou" assustado, "tou" tão triste e tão assustado! - pensa Francisco.

Com os olhos no céu, grita: - Ó Pai do Universo, porque criaste o dinheiro, porque criaste a gasolina e os pneus? Porque mandaste este maluco, este ladrão?

Envia mais uma mensagem a Afonsina para lhe explicar, mas ela, desiludida, não quer acreditar. Afonsina tem dúvidas.

Afonsina olha para a lua. Tem mesmo dúvidas sobre as suas emoções e escreve uma mensagem: "não "akredito" que me deixaste pendurada. "Ke namurado xunga!". Francisco quer responder, mas fica sem saldo no telemóvel...

**"Francisco Francisco, que vais fazer,
Sem dinheiro, sem gasolina,
Como vais chegar a Afonsina?"**

**Quando jogavas berlindes
Não podias imaginar que a vida
Podia ser tão complicada
Quando jogavas berlindes.**

**Francisco, Francisco, que vais fazer
Sem dinheiro, sem gasolina,
Como vais chegar a Afonsina?"**

O Francisco, desesperado, perto da pista de aviação em Paramos, repara, finalmente, na lua cheia e nas pombas que passam em contraluz. Com pouca voz, diz:

- As pombas brancas! Hum!!! As pombas nunca voam de noite.

É um sinal claro. Francisco começa a perceber. Repara num mocho empoleirado numa das árvores mais próximas dele. O Mocho diz-lhe:

- A escalada da vida leva à mudança. Trabalha para alcançar. Nada te é oferecido.

- Ahahahahah! - grita Francisco, aterrorizado.

O Mocho continua:

-Tens um inimigo muito potente. Seu nome é Cabeça-Fogo. Foi ele que mandou o ladrão que te trouxe até aqui e não o Pai do Universo. Este não tem culpa nenhuma. O Cabeça-Fogo bebe gasolina, nutre-se de carvão e de alcatrão, inala gás. E está cheio de fome.

- Não estou nada bem - pensou Francisco. - Cabeça-Fogo? Quem é Cabeça-Fogo? Mas aquele ladrão também não era nada normal, parecia mais um fantasma do que propriamente uma pessoa.

- Ele é só o ajudante do teu inimigo. O teu inimigo foi condenado a viver para sempre no futuro.

- E, então, como é que ele consegue mexer na minha vida, se está no futuro?

Mas o Mocho já tinha desaparecido.



**De repente, o Mocho começa a falar:
Se as chaves quiseres encontrar em
tua casa tens que procurar**

Em casa, Afonsina continuava a olhar para a lua, com uma mistura de emoções e confusão na cabeça. De repente, as mil pombas brancas apareceram no céu...e uma roda do carro cai em frente da sua janela.

- Ahahahahah! exclamou Afonsina aterrorizada. Aquilo é o quê? Desce e reconhece a roda do carro de Francisco. Fica sem respiração, com as mãos em cima do pneu furado, olha para a lua e exclama:

- Então era tudo verdade! Oh! Francisco...- e começa a ligar, mas Francisco já não atende, porque o seu telemóvel está sem bateria...

Alguns anos atrás, noutro lugar, acontecia este diálogo:

Cabeça-Fogo: - Olha, preciso que me faças uma coisa.

Ladrão: - Diga Chefe.

Cabeça-Fogo: - Preciso que não deixes Francisco chegar a Afonsina.

Ladrão: - OK, meu chefe. Mais alguma coisa?

Cabeça-Fogo: - Por agora não! Mas, espera... Preciso que roubes as chaves da porta do tempo ao Sr. SabeTudo, aquele Mocho que fala, e me ajudes a impedir que o meu inimigo Francisco avance para ir ter com a Afonsina.

2ª feira

Depois de caminhar e caminhar, numa estrada ladeada de pinheiros, Francisco chega a um apeadeiro da linha do Vouga e apanha o comboio.

Sem dinheiro para pagar a viagem, esconde-se na última carruagem. (2X)

E, segue para a Santa Maria da Feira, porque no dia seguinte tem de ir trabalhar.

Francisco é bombeiro voluntário de profissão e conduz o carro de ambulância.

Até chega ao quartel dos bombeiros antes da hora de começar o seu turno.

Os bombeiros recebem um telefonema para um serviço de emergência. Francisco arranca com a ambulância e, quando chega ao endereço indicado, fica muito surpreendido porque reconhece a casa. - A casa dos avós de Maria! Não acredito!

- Mas, a sua surpresa é ainda maior quando dá conta que a pessoa em questão é mesmo a Maria. Um momento incrível, porque a Maria era um seu amor de juventude, numas férias na serra com os seus pais.

Maria conta-lhe que uma vaca lhe fizera um golpe, ficando com a perna partida.

Mesmo naquele estado Maria tem um sorriso incrível. A Maria é linda e rica também! Ela continuava enamorada do Francisco, desde os tempos de juventude, mas nunca mais o encontrou. Maria! ... Que reencontro!

- Oh Francisco passaram todos estes anos e eu estive sempre à espera deste momento...

O coração de Francisco começa a bater e não fica nada indiferente.

Afonsina, que conhece Francisco desde a escola secundária, dá-se conta que o encontro com a sua ex-namorada da juventude não o deixou tranquilo. Ciúmes, ciúmes. É uma vida muito difícil. Até que não o quer encontrar mais.

Afonsina: - Francisco, eu sei que te encontraste com a tua ex-namorada, a Maria, quero saber o que se passou. E digo-te mais, sai da minha frente e desaparece da minha vida!

Francisco fica desesperado, e, vai jogar futebol com os amigos, tentando distrair-se de qualquer forma.

No dia seguinte, para piorar a situação, vai ao hospital visitar a Maria. Ela, apesar de ter a perna engessada e dores, continuava linda, como sempre.

Francisco trouxera-lhe flores.

Maria, abraçando as flores junto ao peito, com ambas as mãos, pergunta-lhe:

- Francisco, como é que tu és agora bombeiro? - A última vez que ouvi falar de ti ainda estavas a estudar.

Francisco conta-lhe a sua história de adolescência, pouco conhecida:

- Eu era um pequeno cientista, comprava coisas e fazia experiências científicas, gostava muito de química e na altura já sabia muitas coisas. Tinha um amigo, César, que não sabia nada de química, mas era o meu melhor amigo na época. Um dia de Verão, fomos até à garagem do meu pai, onde ficava o espaço do nosso laboratório. Por detrás do carro, estava o banco onde fazíamos as experiências - era o nosso pequeno mundo. Mas, um dia, enquanto tentávamos uma experiência científica nova, a coisa correu muito mal, mas mesmo muuuito, muuuito mal! No final, ocorreu uma explosão e os pedaços de vidro voaram para todo o lado... César ficou ferido, mas eu não, totalmente por acaso, porque naquele momento tinha ido debaixo do banco procurar mais uma substância... Foi uma explosão forte. Eu fiquei muito mal, mas recuperei. No entanto, o meu amigo César morreu no hospital naquele dia. Maria fica muito, mas muito impressionada:

- E porque não me contaste isso na altura, quando estávamos juntos?

- Era ainda uma ferida aberta, o medo e o sentimento de culpa não me deixavam falar. Ainda agora... - e Francisco começa a chorar, não conseguindo controlar as emoções.

A entrada dos médicos interrompe esta cena.

- Vou embora, vê se saís rápido do hospital... - diz-lhe Francisco, ao que Maria retorquiu:

- Francisco, quando eu sair do hospital tens de ir a minha casa para um lanche. Promete-me!

Semana seguinte

Francisco cumpre a promessa. Vai a casa da Maria e envia uma mensagem: "Querida Maria..."

Noutro lugar, naquele momento, Afonsina canta:

**Que regue quem quiser regar, que regue
Ai cá lhe fica o regador
Palavra dada ai eu tenho
Palavra dada ai, esta noite ao meu amor**

**Deixou o meu amor me deixou
Ai cuidando que eu chorava
Ninguém chora por vadios
Ninguém chora
Ai era o que agora faltava**

**Deixou o meu amor me deixou
Ai cuidando que eu morria
Deixou o meu amor me deixou
Ai cuidando que eu morria**

Naquele dia, em casa da Maria, a luz delicada do sol entra pelas janelas. É fim de tarde. Tomam um chá e comem biscoitos. Conversam muito, Francisco percebe que o amor de Maria por ele não é o amor verdadeiro, mas que se tornou numa obsessão. Francisco tem de se ir embora:

- Até à próxima Maria, até breve...

Sai para a rua, mas no momento que entra no carro sente-se mal, e exclama:

- Os biscoitos! Aquilo era um veneno, biscoitos estranhos, biscoitos... e Pum! Cai no chão, batendo com a cabeça também. Adormece, como um bebé, ao lado do carro, na rua. Primeiro um sono doce, que foi ficando cada vez mais pesado. Naquele momento, as mil pombas brancas chegam, apanham o corpo de Francisco e levantam-no no ar. O carro branco fica na rua. Enquanto as pombas voam com Francisco adormecido, o Mocho Sabe-Tudo, acerca-se desta imagem incrível e diz: - Se o teu desejo era chegar até à tua namorada, não trabalhaste muito bem. Mas, eu ajudo-te na mesma, porque não quero que o teu inimigo, que está cada vez maior e cada vez mais perigoso, ganhe esta partida.

O desespero de Afonsina é enorme, ela não aguenta mais:

- Eu vou buscar aquele homem, não acredito que me pode deixar. Também, se me quiser deixar tem de mo dizer.

Sai de casa, pega no carro e vai procurar o Francisco. Não sabe bem onde ir, mas vai na mesma.

[música]

De um lado, avança o carro de Afonsina, do outro lado, os pássaros com o Francisco quase morto, voando no céu. Cabeça-Fogo vê esta cena, enfurece-se muitíssimo e provoca uma trovoada, começa a lançar chuva ácida, relâmpagos, raios, faíscas. Terríveis rajadas de vento assobiam entre as árvores.



Cabeça-Fogo vê esta cena, enfurece-se muitíssimo e provoca uma trovoada, começa a lançar chuva ácida, relâmpagos, raios, faíscas.

O carro de Afonsina encontra-se numa estrada sem casas, com eucaliptos de ambos os lados. O vento é cada vez mais forte e um eucalipto cai e corta a estrada. O carro embate na árvore e fica parado. Afonsina, assustada, sai do carro e vê uma coisa incrível: naquele momento os mil pássaros chegam à sua beira e deixam o corpo de Francisco imóvel, ao lado do seu carro. Afonsina abana o corpo inanimado de Francisco e grita:

- Francisco! Estás morto! Não! Estás vivo! No meio de nada, numa mata que não consegue reconhecer, com a trovoada, o desespero de Afonsina cresce a cada segundo que passa. O Cabeça-Fogo bebe gasolina, nutre-se de carvão e de alcatrão, inala gás. E está cheio de fome.

Passam uns minutos e Afonsina chama a ambulância, mas não sabe onde é que está nem consegue explicar-se.

Cabeça-Fogo está a provocar um vendaval que destrói as árvores à sua passagem.

Um relâmpago cai, labaredas propagam o fogo e as árvores começam a arder, deflagra um incêndio. Os dois podem até morrer no meio das chamas.

- Para longe do carro! - pensou Afonsina. Apanha o corpo de Francisco e começa a caminhar entre as chamas.

O Cabeça-Fogo bebe gasolina, nutre-se de carvão e de alcatrão, inala gás. E tem muita fome.

Afonsina consegue sair fora do círculo das chamas e, à sua frente, vê os bombeiros. Entretanto, chega também a Polícia: - Porquê está este rapaz quase morto? Como chegou ele até aqui? É de Sanguedo?

Afonsina: - Foram as pombas que o trouxeram.

Polícia: - Você não pode estar muito bem, está num evidente estado de choque!

Última tentativa

Francisco continua adormecido, ao lado de Afonsina, ao lado do carro dos bombeiros, sonha e tem pesadelos. Mas, ali, as chamas e o fumo ainda sobem para ao céu, enquanto Francisco, nos seus delírios:

- Eu, Francisco Silveira, quero saber porque estou encarcerado nestas grades. Tudo é culpa daquele monstro.

Não consegue acordar e continua a sonhar.

Sonha que entra na Porta do Tempo. Pensa: - A porta do tempo! Assim vou para o futuro e vou matar o monstro que tentou matar-me e a Afonsina! Naquele momento, ouve a voz do Mocho, o senhor Sabe-Tudo:

- Francisco, a porta do tempo desta vez abriu-se sozinha, mas na segunda vez vais precisar das chaves. Pensa bem no que vais fazer.

Francisco Francisco, que vais fazer?

**Tens duas estradas à tua frente,
Vais para o futuro, vais para o passado,
Tens que escolher.**

Francisco Francisco, que vais fazer?

Quando jogavas berlindes

Não podias imaginar

que a vida é complicada

Num instante pode acabar.

Quando jogavas berlindes.

Francisco Francisco, que vais fazer?

E, em vez de ir para o futuro, Francisco vai para o passado, engana-se porque é a primeira vez que entra na porta do tempo e não reconhece nada. Viaja para o passado, dentro de uma estrela. Viaja. Cada vez mais longe do seu inimigo que vive no futuro.

- Quando acaba o passado? - pensa o Francisco, viajando no funil, espiral do tempo. É no início do mundo, que acaba o passado.



Uma concha-aranha estava no mar e, quando se formou na sua totalidade, o mar explodiu

Francisco observa o início do mundo

Uma concha-aranha estava no mar e, quando se formou na sua totalidade, o mar explodiu. Depois, criou-se uma nuvem que quando ficou carregada fez cair chuva. No mar, havia uma semente escondida na concha-aranha, que depois da explosão, se soltou. Quando choveu, a semente, que era especial, formou uma árvore que criou frutos. A árvore era o sol e os frutos eram os planetas.

As gotas eram muito grandes e diferentes, da cor dos planetas: transparentes, azuis, cor de terra mais clara, vermelhas, cor do arco-íris.

Francisco sonha que, no início do Mundo, a casa de Afonsina está em cima duma nuvem de algodão doce.

Francisco observa o conflito entre o Cabeça-Fogo e o Sol

No meio desta maravilha repara que as coisas não estavam muito calmas. Já desde o início do tempo que o Cabeça-Fogo bebia gasolina, nutria-se de carvão e alcatrão, inalava gás. E agora tem as chaves da porta do tempo e viaja no tempo

como quer e quando quer. Come tudo o que é possível comer, e quando acaba com a última gota de petróleo, quando acaba com a última pedra de carvão, insatisfeito, quer comer o Sol também.

- Se come o Sol acaba-se a vida! - assusta-se Francisco.

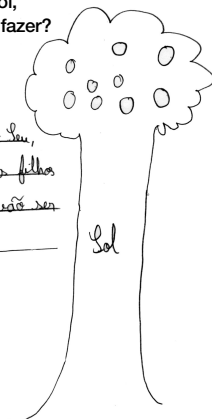
Francisco Francisco, que vais fazer?

O monstro não podes matar,

Se foges, o monstro come o sol,

Francisco Francisco, que vais fazer?

*A árvore desce no desenho e seu,
que é o carvão e os seus filhos
são os frutos que mais tarde serão
desce no seja planetas*



A Árvore era o Sol, e os Frutos eram os Planetas

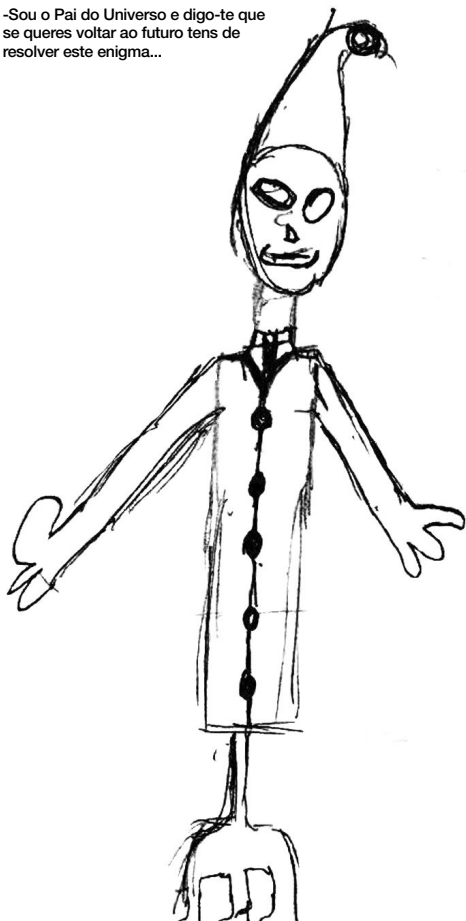
Francisco começa a cantar: Paaa-pa-pa. Paaa-pa-pa...
Chegam todos os pássaros do Universo. Todos. Cabeça-Fogo é enorme, é um monstro verdadeiro, e os pássaros são pequenos. São pequenos, mas são muitos. Começam a atacar o Cabeça-Fogo e ele foge. Corre, cada vez mais longe, seguido por milhões de pássaros.

Francisco fica agachado, num momento de silêncio. Os raios de sol aquecem suavemente o seu corpo tremente.

Francisco abre os olhos e quem está na sua frente?

O Pai do Universo, com o sol na mão: - Sou o Pai do Universo e digo-te que se queres voltar ao futuro tens de resolver este enigma: Vais à floresta e a resposta do enigma estará em cima de um ramo. O ramo estará triste e chateado.

-Sou o Pai do Universo e digo-te que se queres voltar ao futuro tens de resolver este enigma...



Mas, é Janeiro e todos os ramos estão tristes e chateados. A floresta é infundável. Nesta altura do ano está depenada, despida e escura. Francisco caminha, caminha por muito tempo sem reconhecer nenhuma árvore, e ainda menos um ramo especial, no meio das matas infundáveis. Finalmente, pára em frente de uma árvore.

- Será esta a árvore? É muito particular. Naquele momento, nota as gotas vermelhas que caem da árvore.

É uma armadilha! É o Cabeça-Fogo!



Naquele momento, nota as gotas vermelhas que caem da árvore. - É uma armadilha! É o Cabeça-Fogo!

Francisco desata a correr. E corre, corre por muito tempo e, no final, deita-se debaixo de uma árvore qualquer. Repara então no mocho em cima de um ramo. "Ó amigo!", diz Francisco. E aquele era o ramo do enigma.

- Mas a resposta, qual será?

O mocho continuava calado.

- Mas a resposta, qual será? Eu preciso das chaves, eu preciso de voltar para o futuro, eu só quero encontrar a minha namorada! De repente, o Mocho começa a falar:

- Se as chaves queres encontrar, em tua casa tens que procurar.

- Como vou encontrar a minha casa, se aqui não está nada, só árvores, árvores...

Francisco continua a caminhar, caminhar e encontra uma paisagem semelhante à colina onde fica a sua casa. - Eis! Tenho a certeza absoluta que aqui vou encontrar as chaves! - e começa a correr outra vez. De repente, à sua frente aparece o Cabeça-Fogo. O Cabeça-Fogo bebe gasolina, nutre-se de carvão e alcatrão, inala gás. É então que ele lhe diz:

- Francisco desafio-te para um jogo de berlindes. O último jogo de berlindes.

O último jogo de berlindes

O silêncio fez-se denso. Só o leve barulho do vento nos ramos acompanha esta luta. Agora o Cabeça-Fogo tem um aspecto quase humano.

Começa o jogo:

O primeiro berlinde é Aranha. E outro é Normal. Cabeça-Fogo ganha.

O segundo berlinde é Normal contra a Vaca Lua. Francisco Perde.

O terceiro berlinde é Meteorito contra Vaca meteorito. Cabeça-Fogo ganha.

O quarto berlinde é Aranha contra Caco. Cabeça-Fogo ganha. O último era o Sol contra o Sol. Ninguém ganha. Ninguém perde.

Naquele momento Francisco diz: -Eu conheci só uma pessoa que lançava berlindes dessa forma. O Cabeça-Fogo começou a assobiar.

Francisco: -Eu conheço esta forma de jogar, tu és o meu amigo César.

Cabeça de Fogo: -Tens razão, sou eu.

Passados uns segundos, Francisco perguntou:

- Como foste capaz de fazer tudo isto? Eras o meu melhor amigo.

Cabeça-Fogo: -Eu tinha ciúmes de ti! Eu também gostava de Afonsina! Mas eu fui culpado de ter amaldiçoado a tua vida.

Francisco: -Mas eu também tive culpa. Fui eu que fiz aquela experiência.

- Perdoa-me! - disseram os dois ao mesmo tempo.

Naquele momento, o grande Senhor Cabeça-Fogo, que já tinha uma forma quase humana, desfez-se numa poça de líquido vermelho. No meio da poça, estavam as chaves. As chaves da porta do tempo.

Ao mesmo tempo feliz e triste, Francisco pega nas chaves.

Naquele momento, abre os olhos, os seus olhos verdadeiros. Ainda estava ao lado de Afonsina, numa estrada no meio da mata, rodeado por bombeiros.

- Acordou! Francisco acordou!

Formou-se logo um círculo à volta dele e alguém reparou que Francisco tinha umas chaves na mão. Afonsina pergunta-lhe:

- Estas chaves? São de tua casa?

- Não, estas chaves são de... mas, não tem importância, explico-te depois. E pôe as chaves no bolso. Afonsina dá um beijo a Francisco. Um grande beijo.

Havia um raio de luz sobre este amor e os dois viveram felizes para sempre.



O último jogo de berlindes

Naquele momento, noutra lugar Maria canta:

Que regue quem quiser regar
Que regue
Ai cá lhe fica o regador
Palavra dada ai eu tenho
Palavra dada
Ai esta noite ao meu amor

Deixou o meu amor me deixou
Ai cuidando que eu chorava
Ninguém chora por vadios
Ninguém chora
Ai era o que agora faltava

Deixou o meu amor me deixou
Ai cuidando que eu moria
Veio outro abalou ele e veio
Outro
Ai fiquei na mesma alegria

Deixou o meu amor me deixou
Ai na primavera das flores
A tempo inda me deixou a
Tempo
Ai de cuidar novos amores

Francisco finalmente foi Ter e
eram um beijo e ficaram felizes



Havia um raio de luz sobre este amor,
e os dois viveram felizes para sempre

Chaves de leitura da história, simbolismo

Personagens humanas principais

- Francisco
- Afonsina
- Maria
- César (transformado)

Personagens humanas secundárias

- O ladrão
- Empregados das bombas de gasolina
- Bombeiros voluntários

Bombeiros

A escolha de profissão de bombeiro para a personagem Francisco foi intencional em dois sentidos: o primeiro, porque salva vidas de pessoas e o segundo, na relação que estabelece com o seu inimigo-amigo Cabeça-Fogo.

Cabeça-Fogo

A personagem má da História, representa o lado obscuro da humanidade. Também simboliza a actual crise energética e ecológica do planeta, daí comer todas as fontes de energia, incluindo as florestas e, por fim, o sol.

Pássaros

- Mil pombas brancas
- Mocho
- Todos os pássaros do Universo

São símbolos da Paz (as pombas), da sabedoria (Mocho), e em geral as criaturas positivas na história. As únicas personagens que "sabem já" a história toda, mas também têm uma parte activa nela. As pombas brancas são "mensageiras", ligam acontecimentos que decorrem em simultâneo.

As árvores têm uma simbologia muito diversificada na história, representando o subconsciente humano nas suas várias formas. No primeiro capítulo, a floresta é um ambiente bom e quase romântico, no segundo é objecto de destruição e incêndio, o lugar de uma ameaça de morte, e no capítulo final, através do enigma do ramo, volta a ser a recordação da mesma floresta do princípio da história.

Fogo

É um dos símbolos principais da história, representando quer o bem quer o mal. A tentativa do Cabeça-Fogo para roubar o Sol ao Pai do Universo representa o conflito máximo entre o mal e o bem, reproduzida através da luta pelo fogo, pela energia.

A floresta e as árvores



myspace.com/instavelorquestra



santa maria da feira câmara municipal

centro de criação para
o teatro e artes de rua